

**VOZES DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE LETRAS:  
REPENSANDO A ENSINAGEM NO ÂMBITO DA UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE ALAGOAS/CAMPUS I.**

Eliane Bezerra da Silva  
(Universidade Estadual de Alagoas, linebarros21@gmail.com)

**Resumo:** Nos últimos anos, a discussão acerca do ensino de literatura tem despertado o interesse de muitos estudiosos pertencentes às áreas de Letras, Linguística, Educação e Artes sobre produção, circulação e recepção de textos literários em ambiente escolar ou fora dele. De uma forma geral, os resultados dessas reflexões apontam que o ensino de literatura, ainda, não tem alcançado os objetivos de formar leitores de textos literários, nem consolidado hábitos de leitura, nem muito menos a função de (re) construir a palavra que nos humaniza. Neste contexto, analisaremos o processo de ensinagem de Literatura a partir das produções dos acadêmicos de Letras no âmbito da Universidade Estadual de Alagoas. Faremos um estudo teórico do gênero crônica que é um dos gêneros trabalhados no curso de letras e na referida pesquisa a fim de analisar as vozes dos acadêmicos presentes nas produções responsivas ativas deles aqui selecionadas buscando verificar como o graduando utiliza a escrita literária em seus discursos, bem como, teceremos algumas considerações sobre a metodologia utilizada pelos professores no processo de ensinagem de Literatura no âmbito do curso de letras da UNEAL. Através deste estudo tencionamos refletir sobre as questões de metodologia de ensino de literatura no curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas, objetivando compreender a maneira que os graduandos apreendem os conhecimentos literários. Nossa fala está fundamentada em discussões sobre os novos letramentos acadêmicos e amparada nos estudos da linguagem, especialmente na noção de dialogismo.

**Palavras-chave:** Ensino, literatura, formação, leitores, crônica.

**ORIENTAÇÕES TÉCNICAS:**

Ensinar literatura nos leva a uma reflexão constante sobre linguagens, especialmente sobre a recepção leitora de arte. Quando os autores dão forma as suas criações literárias, as palavras inseridas nos mundos ficcionais criados por eles, independentes das escolhas efetivadas, abrem espaço de diálogo com o outro na interação social. Essa relação dialógica pode ser explicada pelas inúmeras contribuições que Mikhail Bakhtin trouxe para a ciência da linguagem. Um signo receberá tantas significações quantas forem as situações reais em que venha a ser utilizados por usuários social e historicamente localizados. Logo, os signos nos desafiam enquanto leitor do dito, do não dito nas infinitas possibilidades dialógicas com o real - o social, a vida e com outros mundos ficcionais.

Para ele, os signos refletem, refratam a realidade segundo projeções de classes diferentes e em contraposição a elas, as quais tentam manter as relações sociais de produção, inclusive quando as mesmas se convertem em obstáculo para o

desenvolvimento das forças produtivas ou, ao contrário, propõem-se como instrumento de luta e de crítica do sistema.

Diante do exposto, esta pesquisa pode ser considerada de grande relevância, pois, nos faz pensar sobre a metodologia utilizada pelos docentes nas aulas de literatura também. Percebemos por meio do contato com graduandos, que a produção de textos literários é instigadora, por isso, as aulas deveriam ser de forma criativa e por vezes crítica, entretanto, há um distanciamento dessas categorias: criar, interpretar, criticar, quando há uma ensinagem centrada em modelos tradicionais, que prioriza uma prática passiva, trabalhando somente o conteúdo, não motivando o acadêmico para produção e, a conseqüente valorização da produção de autoria deles. Enquanto docente de literatura procuramos envolver os graduandos de maneira ativa, mas, e as disciplinas literárias ministradas sob a responsabilidades de outros docentes ao longo da vida acadêmica. Será que os docentes estão abertos à mudança?

Acredito que esta pesquisa dará sustentação no sentido de, através de palestras, formação continuada e outras ações acadêmicas seja possível contribuir com os docentes para que sua postura metodológica possa ser ajustada ao que preceitua na atualidade os documentos norteadores do ensino: um profissional capaz de acompanhar as mudanças, os avanços desafiadores da contemporaneidade.

As condições sócias, históricas, psicológicas e culturais do leitor constituem esferas inerentes a sua constituição enquanto sujeito do mundo, colocando-o em espaço de resistência aos supostos limites estabelecidos pelo escritor, pelo livro. Apesar de todas as tentativas de exclusão do leitor nos estudos literários, Compagnon (2010) reafirma a resistência, situando-o em uma posição privilegiada, pois a leitura tem a ver com a identificação de quem lê. O leitor passa, então, a aplicar o que lê a própria vida dele, *o ato criador não é senão um momento incompleto e abstrato da produção de uma obra; [...], Mas a operação de escrever implica a de ler como seu correlato dialético e estes dois atos conexos necessitam de dois agentes distintos.* (Sartre, apud Compagnon, 2010,145)

Lembremos, como já foi dito, que o princípio da alteridade postula que o sujeito só se define como tal a partir de sua relação social com o outro, isto é, ele age e elabora seus atos em direção ao seu outro, logo, a própria constituição do sujeito é fundada no dialogismo – seu pensamento, sua visão de mundo, sua consciência, ou seja, sua identidade se constitui nas relações dialógicas.

É nesse sentido que o autor expõe que o objetivo do leitor é “compreender a si mesmo através do livro” (COMPAGNON, 2010, P. 142), uma vez que suas motivações e suas reflexões extrapolem os espaços do dito, consistindo em uma multiplicidade de respostas

individuais à literatura. (COMPAGNON, 2010, P. 143), Para isso, refletir sobre os conceitos da filosofia da linguagem de Bakhtin e de seu Círculo torna-se imprescindível para falar da recepção leitora, pois o trabalho com a linguagem sempre possibilita o diálogo com o outro.

A apreensão leitora se dar de duas maneiras, uma delas consiste no diálogo leitor-texto na recepção leitora. O discurso apreendido pelo leitor tomará outros rumos aparecerá nas interações com o leitor de ontem, de hoje e de amanhã, atualizando e promovendo infinitos discursos nesse fio dialógico infindo em que os textos se alimentam de outros textos e é nessa multiplicidade de vozes e consciências que circulam e interagem as palavras em cada recepção leitora.

Apesar de todas as tentativas de exclusão do leitor nos estudos literários, Compagnom (2010) reafirma a resistência, situando o leitor em uma posição privilegiada, pois a leitura tem a ver com a identificação de quem lê. O leitor passa, então, a aplicar o que lê a própria vida dele, *o ato criador não é senão um momento incompleto e abstrato da produção de uma obra; [...] Mas a operação de escrever implica a de ler como seu correlato dialético e estes dois atos conexos necessitam de dois agentes distintos.* (Sartre, apud Compagnon, 2010,145)

Sim, é em um diálogo repleto de tantas vozes convergentes e divergentes que surgirá a possibilidade de entendimento dos fenômenos tanto na vida social quanto na nossa existência pessoal. É no movimento circular da leitura que se dá a alternância entre o leitor-autor enquanto produtores de discursos, ambos a procuram da palavra como Drummond fala de forma poética “Penetra surdamente no reino das palavras” alimentando a necessidade humana de efabulações como dizia o mestre Antônio Candido “Literatura é uma necessidade humana”.

A análise literária permite a leitura de sujeitos, contribuindo para desenvolver cada vez mais a capacidade de realizar leituras críticas, não só de textos literários, mas de todos os textos literários ou não literários existentes sempre de forma responsiva ativa.

O gênero crônica chegou ao Brasil com a chegada da família real e a autorização para a publicação de jornais em solo brasileiro no ano de 1888. Assim, surgiu um novo sujeito no discurso: o narrador nativo brasileiro, trazendo sua própria semântica às publicações. Tendo como objetivo conquistar os mais diversos tipos de leitores provocando-lhes empatia, assim, a crônica é escrita e pensada para o público consumidor de jornais, revistas e de livros – seus suportes preferencias, não se limita a reproduzir fatos, mas objetiva mostrar ângulos não percebidos. É comum o cronista ir mesclando em seu texto situações do cotidiano a comentários, às vezes, sentimental, crítico ou irônico. Quando voltadas aos fatos citados pelo jornal, a crônica é invadida pela atmosfera desse gênero, misturando temas universais em

prosa e poesia, ganhando aspectos poéticos ou filosóficos. E exatamente por alternar entre a literatura e o jornalismo, a crônica é considerada um gênero híbrido, resultando da visão pessoal, subjetiva do cronista diante de um fato qualquer, colhido no noticiário ou no cotidiano. Sua natureza híbrida impera nesta compreensão. É jornalística quando apanha no cotidiano os fatos da vida real que são noticiosos e é literária quando se permite utilizar os elementos literários para construí-la.

Podemos dizer, que crônica é o relato de ações ou coisas feitas em um determinado tempo. Com o advento do Modernismo vários escritores aderiram às crônicas, imprimindo estilos próprios, traçando diferenças na maneira de abordar os assuntos. Foi uma verdadeira experimentação diante dos acontecimentos que surgiram na vida do homem do século XX. Arrigucci (1987, p.63) pondera: “Seguindo a tendência do momento e de outros gêneros, a crônica se convertia num meio de mapear e descobrir um país heterogêneo e complexo, largamente desconhecido de seus próprios habitantes, caracterizado pelo desenvolvimento histórico desigual, de modo que o processo de modernização podia ser acompanhado pelos contrastes entre os bolsões de prosperidade e vastas de miséria, e o próprio mundo moderno parecia nascer de mistura com traços remanescentes de velhas estruturas da sociedade tradicional. É assim que uma consciência mais abrangente do país passa a reger o espírito da crônica modernista”. Cândido (1996, p. 24) nos conta que a crônica moderna ganhou definições e passou a consolidar-se na década de 1930, como um gênero cultivado por um número incontável de escritores e jornalistas, que buscavam estabelecer a dimensão dos seres e das coisas, apresentando ocorrências cotidianas com brilho, leveza e criticidade. “A crônica pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor”.

Estabilizada pela tradição literária, a crônica é um dos gêneros que tem regras fundadas nos seguintes aspectos: geralmente é apresentada em alguns suportes - que pode ser jornal, revista, livro, rádio ou internet; sua temática costuma ser pré-definida, tratando do cotidiano e, por vezes, com traços de problemas universais; caracteriza-se pela brevidade do tempo-espço; tem relação com o bate-papo, com a conversa; seu tom é decorrente do diálogo proposto pelo cronista. Seus autores, comumente, organizam a narrativa em primeira ou terceira pessoa, quase sempre como quem conta um caso, como quem conversa com seu público, envolvendo-os com reflexões sobre os vários aspectos da vida social, bem ao agrado dos leitores que não conseguem muitas vezes expressarem seus sentimentos por estarem

muito presos a normas e etiquetas de um cenário individualista. Outra característica desse gênero é ter uma linguagem que mescla aspectos da escrita com outros da oralidade. Fávero e Molina (2006, p. 75) dizem que essa mistura acaba causando um determinado efeito. Eles afirmam que “[...] na crônica, convivem as características das modalidades falada e escrita, e isso causa um efeito de realidade e atualidade”.

O conceito de letramento literário como prática social que utiliza a escrita em contexto e pra fins específicos. A inquietação referente ao que sucede ao leitor quando lê um texto literário nos leva a refletir sobre experiência de mediação leitora de narrativas literárias evidenciando a produção de sentidos nas relações interativas entre o autor e o leitor, levando em consideração que a experiência é única para cada leitor - sendo nela que o texto se efetiva, transformando, assim, os horizontes de expectativas deles. Ao promover o letramento literário deve se reconhecer o texto literário como prática social, permitindo a atitude ou produção responsiva ativa do leitor. Rildo Cosson, no livro *Letramento literário: teoria e prática* (2011, p.23) discute o valor social da literatura no qual, trabalhar o texto literário é contribuir à formação de cidadãos para que sejam leitores críticos. Cosson (2011) sugere mecanismos para que o mediador conduza a leitura literária: motivar o leitor à medida que fala sobre seu percurso literário e as características do texto; introduzir a obra pelo autor, contando particularidades de sua biografia; proceder à leitura do texto, destacando os elementos da narrativa que se destacam; por fim, fazer a interpretação em relação a outros contextos entre o texto e o mundo, a fim de “ampliar os sentidos construídos individualmente. Ao compartilhar interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade” (COSSON, 2011, p.65), assim, ampliando horizontes de leitura.

Acreditamos que um trabalho como esse, de letramento literário e de formação de leitor se torna importante, visto que a interação autor-leitor não se efetiva de qualquer modo, para que haja esse processo necessita-se do amadurecimento resultante de uma frequente prática leitora que possibilitará ao leitor envolver-se com aquilo que lê. A literatura apresenta-se, assim, como um excelente meio de desenvolver o interesse do aluno pela leitura do texto escrito, considerando-se a possibilidade de descobertas que proporcionam ao leitor e, principalmente, que este adquira outros olhares para o mundo que o cerca, muitas vezes reconhecendo e aceitando tanto a si mesmo quanto aos outros.

Esta pesquisa pretende refletir sobre a recepção leitora a partir da seguinte questão: Como se apreende o objeto estético? Dessa forma, pretende-se pensar sobre a maneira única com a qual cada um vivencia a leitura, que pode provocar mudanças no leitor, pois o texto somente torna-se conhecimento por meio da experiência daquele que o lê. Comentando a

relação entre autor e o leitor, Jauss (apud ZILBERMAN, 1989, p. 33) afirma que “a possibilidade de a obra se atualizar como resultado da leitura é o sintoma de que está viva”; pois a leitura para se efetivar depende do horizonte de expectativas de cada leitor, que só se torna possível quando o texto provoca um impacto nele.

Ao propor uma “leitura sem amarras”, destacando-se das noções hegemônicas acerca do leitor em teoria literária, Compagnon aponta limites importantes ao que se compreende na relação entre sujeito leitor e o ato de ler. Para o autor, a experiência da literatura é fatalmente uma experiência dual, ambígua, dividida (...) entre a atenção ao outro e a preocupação consigo mesmo. É nesse sentido que ele expõe que o objetivo do leitor é “compreender a si mesmo através do livro” (COMPAGNON, 2010, P. 142), uma vez que suas motivações e suas reflexões extrapolem os espaços do dito, consistindo em uma multiplicidade de respostas individuais à literatura. (COMPAGNON, 2010, P. 143).

A maneira como se dá o encontro do corpo do leitor com o corpo do texto, especialmente quando o leitor é tocado pelo fazer literário, lembra o conceito de experiência de Larrosa (2002, p. 21), quando ele diz: a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Sendo assim, torna possível aproximar a teoria do efeito estético de Wolfgang Iser (1996) com a noção de experiência de Larrosa. Iser focaliza a problemática do sentido do texto, apresentando os textos como figuras marcadas por lacunas que pedem uma intensificação da atividade imaginativa do leitor, o sentido textual se concretiza na interação autor-leitor

Para ele, a ênfase recai sobre o efeito na recepção, logo, o leitor deve observar as “instâncias de controle” (1979, p. 91) existentes no texto. Essas instâncias de controle são os vazios e suas negações. Os vazios possibilitam as relações entre as perspectivas de representação do texto e incitam o leitor a coordenar estas perspectivas. . (ISER, 1979, p. 91), A presença de vazios se faz em todo tipo de texto, mas nos literários eles entram como elementos de suma importância, propositalmente acionados. Para Iser (1979), o valor de um texto ficcional está vinculado, entre outros fatores, à maneira como o escritor preenche e conecta entre si os vazios.

Pensando ainda sobre a produção responsiva ativa quando o leitor contrói o sentido do texto, que se dá na dialética entre o autor-leitor. Pode-se considerar, ainda, que as lacunas na narrativa devem ser preenchidas pelo leitor, validando a teoria do efeito de Iser (1979), quando defende que o leitor preenche os vazios de acordo com os horizontes de expectativas dele.

No trabalho com a leitura, exploraram-se o corpo e a voz dos leitores participantes da roda de leitura literária, os quais revelaram suas impressões por meio de uma conversa informal (observação participante) e registro escrito em um questionário sobre a memória de leitura de cada um deles. Assim, parte-se da hipótese de que uma leitura viva e significativa se torna relevante para a formação de leitores como algo que só se torna possível quando o texto provoca um impacto, ampliando ou alterando ideias, conceitos e valores do leitor.

Para formar o sujeito leitor torna-se necessário além de fazê-lo ler, ouvi-lo ler e fazê-lo falar do que leu, procurando identificar que sentido ele dá aos conceitos que usa para expressar o discurso dele a respeito do discurso do autor. Há necessidade da formação do sujeito leitor, para isso, deve-se empenhar-se na criação das condições que levem o leitor iniciante a despertar-se à prática da leitura. Ler é produzir sentidos, ou seja, a partir de um texto ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um. ensinar o prazer de ler é promover um encontro de leituras: a do autor produz um sentido; a do leitor produz outro e ambas são indispensáveis para que se dê o diálogo.

A valorização dessas histórias individuais dos leitores servirá para impulsioná-los a ler e a falar sobre o lido. Confira as vozes de alguns graduandos sobre a maneira como o texto foi trabalhado na sala de aula:

Leitor 1 - É uma obra muito interessante! Foi trazida para a sala pela professora que conduziu a aula muito bem, pois incentivou toda a turma para a leitura e a discussão.

A fala do leitor 1 remete ao primeiro passo da sequência apresentada por Cosson(2011). Segundo o autor, o leitor precisa se apropriar das palavras e expressões da tradição da escrita para falar a respeito de nossas questões com a vida, palavras que nos tornam mais aptos a nos ensinar a respeito de nós mesmos. Ele precisa falar e ler. Cabe ao professor a iniciativa de fazer leitor iniciante falar o discurso dele mesmo e de sua realidade social mais próxima. Escutar o que ele tem a dizer significa levar a fazer-se entender, formular as perguntas que o levem a preencher as lacunas que no seu texto representam as lacunas de seu entendimento.

Leitor 2 - Sobre o estudo dessa narrativa em sala de aula, a leitura, a abordagem, a estratégia de incentivo à leitura foram muito proveitosas.

O leitor 2 reconhece a eficácia do plano de trabalho elaborado pela professora. Nota-se que se faz necessário além do planejamento ensinar a ler, começando por apropriar-se dos sentidos que sua leitura pessoal atribuiu – a partir de suas crenças, de sua experiência de vida e de leitura – ao que lê, mesmo aos textos dos quais deve falar aos sujeitos leitores iniciantes.

Não lhe basta a leitura pessoal: é preciso que, a partir dela, estabeleça um confronto com a leitura feita pela tradição.

Leitor 3- Quanto a maneira que a professora trabalhou a leitura na sala, ela nos fez ler o livro não só com os lábios e a voz, mas com a alma e a imaginação.

Outro que nos chama atenção é o leitor 3, quando discorre sobre a maneira que apreendeu o sentido do texto literário, ao afirmar: “ela nos fez ler o livro não só com os lábios e a voz, mas com a alma e a imaginação”. Ele aponta que a professora, enquanto mediadora da leitura, proporcionou ao leitor ter uma percepção maior do texto. Essa reflexão do leitor dialoga com Zumthor quando diz:

Assim quando eu digo: ler possui uma reiterabilidade própria, remetendo a um hábito de leitura, entendo não apenas a repetição de uma certa ação visual, mas o conjunto de disposições fisiológicas, psíquicas e exigências do ambiente ( como uma boa cadeira, o silêncio...) ligadas de maneira original para cada um de nós, não a um “ler” geral e abstrato, mas à leitura do jornal, de um romance ou de um poema. A posição do seu corpo no ato da leitura é determinada, em grande medida, pela pesquisa de uma capacidade máxima de percepção. Você pode ler não importa o que, em que posição, e os ritmos sanguíneos são afetados. É verdade que mal conceberíamos que lendo em seu quarto, você se ponha a dançar e, no entanto, a dança é o resultado normal da audição poética! A diferença aqui é apenas de grau. (ZUMTHOR, 2000, p. 37-38)

Leitor 4- Além dessa obra que agora posso dizer que conheço, gostaria de ler outras do mesmo autor, Vidas Secas, São Bernardo, Caetés, Memórias do Cárcere; gostaria também de lê-las dramatizando como a leitura feita na sala de aula.

Leitor 5 - Bom, esse foi mais um que li e vou acrescentar na casa de livros dos mais importantes, que vão me letrando, vão me levando a caminhos que meus pés jamais pisariam, a viagens que jamais poderia fazer e visões que desconheceria se não fossem os livros, se não fossem minhas leituras.

Leitor 6 - Essa obra foi lida na sala de uma maneira que a leitura se transformou em algo construtivo e interessante para cada um.

Nas falas dos leitores 4, 5 e 6 percebe-se que eles estão motivados, elas remetem ao letramento literário, especialmente quando demonstram em suas respectivas falas as transformações que o mesmos vai passando a partir da interação leitora, ou melhor, por meio das inúmeras leituras efetivadas.

Eliana Kefalás (LIMA; VERBENA, 2015) comentando sobre a recepção leitora de narrativas literárias em cena afirma que extrair informações do texto não é uma tarefa que



oportuniza ao leitor a experimentação literária. Para ela, faz-se necessário que o corpo do leitor se abra para o contato com o texto experienciando os sentidos da palavra. Para Kefalás as vozes que emergem dos textos lidos podem agregar forças evidenciando a potencialidade de reverberação de sentidos quando um corpo leitor é atravessado e atravessa a materialidade do texto literário.

A experiência de leitura na perspectiva da recepção literária permite que o leitor construa significados enquanto coprodutor na interação, pois a teoria da recepção aponta a compreensão individual no contexto significativo do leitor, na intenção de entender a literatura, ampliando, assim, o leque de possibilidades de leitura, uma vez que o referido estudo considera os dois sentidos: o do autor e o do leitor, ao apreender o sentido. Atente para as falas dos leitores abaixo:

#### Leitor 1 –

Outro dia li um texto de Machado de Assis que me deixou aturdido. Entendam o porquê da minha surpresa: a pequena narrativa apresenta um conflito entre uma agulha e uma linha. Ambas discutem para ver quem tem mais importância. A linha fica alguns momentos em silêncio até sair na frente no embate: é ela que vai ao baile, enquanto a agulha voltará para a caixinha da costureira.

O alfinete, intrometido, debocha da agulha, dizendo que ela precisa deixar de ser tola e se usa como exemplo: para onde o espetam, ele fica. Ao final, Machado nos dá uma rasteira e revela sua real intenção por trás do apólogo: a história na verdade foi contada a um professor, que admite ter servido de agulha a muita linha ordinária. Não somos muito diferentes do tal professor de melancolia. Todos nós, em algum momento, servimos de escada para outros subirem na vida.

Servimos de agulha quando entregamos a resposta de uma prova para aquele que não estudou. Seja de matemática, química, português, história, uma prova não serve apenas para acompanhar o desenvolvimento de um aluno, mas é também um teste de caráter: se fulano fila na hora da prova, vai tentar trapacear também na vida e, ao contrário do que muitos pensam, pode não mais haver alguém disponível para dar a resposta.

Servimos de agulha quando deixamos o outro furar fila do banco. Servimos de agulha quando mentimos para safar o pescoço de alguém próximo. Servimos de agulha quando vendemos nosso voto e abdicamos do poder de escolha em busca de um bem temporário, mas são quatro anos que virão pela frente. Aí já não é só o look do dia e sim um guarda-roupa inteiro levado nas costas.

Servimos de linha quando fechamos os olhos para pequenas corrupções. Podem ser as já mencionadas, como furar fila ou colar na hora da prova, mas também ao receber o troco (a mais) do pão e ficar em silêncio com a tal da sorte grande.

Servimos de linha quando nos deixamos levar por nossos colegas em um trabalho da escola. Servimos de linha quando não trabalhamos, estudamos, muito menos damos atenção à nossa família. Servimos de linha quando, no ápice da ignorância, apoiamos atitudes machistas, homofóbicas, racistas. Servimos de linha e agulha o tempo todo.

Todos nós somos agulhas que perfuram tecidos durante a vida, abrindo espaço, caminho, lugar para outras pessoas. Também somos linha, quando deixamos que o outro nos leve em suas costas e nos ajude a suportar nossos fardos. E se é para ser agulha e linha, é melhor sermos uma agulha e uma linha que são aliadas, amigas, cooperativas. Ninguém constrói uma vida sozinho.

Ser agulha é ajudar o próximo. Ser linha é permitir-se ser ajudado. A vida parece muito com um pêndulo: tudo o que vai acaba voltando para nós de alguma maneira. E quando tudo isso voltar, humm, melhor ser uma agulha e uma linha que ajuda e se permite ser ajudada do que um alfinete que onde espetam, fica.

Por meio desse universo mágico, nota-se que o leitor 1 pode entrar em contato com cenas do texto aproximando-se do personagem principal e refletindo sobre o preconceito que alguns padecem por ser gordo ou muito magro, por usar óculos, por ser muito mais alto ou muito mais baixo entre outros. Isso pode levar o leitor a repensar as diferenças bem como a necessidade de aprende a conviver com elas.

Leitor 2- A introspecção de Raimundo leva seus pensamentos a um tipo de conceito pessoal, ao qual em sua própria visão o seu mundo deveria se adequar ao seu modo de ser e de ser visto.

Leitor 3- Carlos Drummond de Andrade essa criatura fantástica vinda dos mistérios de Itabira nos dá dura pedrada existencial quando na penúltima estrofe do Poema sete faces, lança: Mundo, mundo vasto mundo/Se eu me chamasse Raimundo/Não seria uma rima seria uma solução. [...] A dita solução vem de outros confins misteriosos: Quebrangulo. É o mestre Graça que enfim nos aponta para Tatipirum. Terra mágica para a qual viaja Raimundo, uma criança perturbada por conflitos drummondianos, digo, humanos.

Percebe-se que o leitor 3 apela para o conhecimento de mundo dele na medida em que evoca cenas de outras vivências de leitura. Iser (1996) denomina repertório do leitor ao conjunto de normas sociais, históricas e culturais trazidas pelo leitor como bagagem à leitura. São essas normas que constituem o pano de fundo da obra e fomentam o jogo entre autor-leitor quando no ato da leitura confrontam-se o repertório de ambos.

A ideia de preenchimento do efeito estético iseriana está relacionada ao que para o leitor é uma lacuna textual. A questão de o protagonista ter um olho preto e outro azul é um traço que provoca a percepção de que há nesse aspecto um ponto de indeterminação.

O inacabamento do texto convida o leitor a construir o sentido do texto. O autor nos convida a coparticipar da produção do texto através do jogo de sentido presente em suas construções metafóricas. Nota-se que a fala do leitor 1 pode estar relacionada à seguinte passagem da obra: “Havia um menino diferente dos outros meninos. Tinha o olho direito preto, o esquerdo azul e a cabeça pelada. Os vizinhos mangavam dele e gritavam: - Ó pelado!”

A história do menino Raimundo para esses leitores retrata o preconceito social em relação àquilo que destoa do que é considerado “comum” e “normal” nas raízes culturais de um povo. Para eles, Ramos descreve como o preconceito é construído e os estigmas sofridos por aqueles que são considerados fora de um determinado padrão.

*A terra dos meninos pelados*, apesar de ser uma obra destinada ao público infantil, coloca em tela a preocupação do escritor com a formação do cidadão e do leitor crítico, já que

aquele remete sua preocupação social em relação às diferenças existentes em uma determinada localidade. A obra em estudo ensina a olhar além dos aspectos físicos. Raimundo era um menino criativo que através de uma história inventada atravessa um mundo de diferenças, que nos leva a refletir sobre como é ser diferente, e especialmente, sobre a necessidade da experiência de leitura literária nos dias atuais, em que muitas vezes a literatura fica à margem.

Acreditamos que um trabalho como esse, de letramento literário e de formação de leitor é importante, visto que a interação autor-leitor não se efetiva de qualquer modo, para que haja esse processo necessita-se do amadurecimento resultante de uma frequente prática leitora que possibilitará ao leitor envolver-se com aquilo que lê. A literatura apresenta-se, assim, como um excelente meio de desenvolver o interesse do aluno pela leitura do texto escrito, considerando-se a possibilidade de descobertas que proporcionam ao leitor e, principalmente, que este adquira outros olhares para o mundo que o cerca, muitas vezes reconhecendo e aceitando tanto a si mesmo quanto aos outros, a exemplo do personagem Raimundo, na obra discutida neste trabalho. Assim, é possível considerar que urge a necessidade de criar meios eficazes para promover encontros de leitura e a interação entre autor e leitor.

O cuidado dele com a escrita resultou nessa criação literária que trabalha a linguagem fazendo uso de metáforas, que nos levam enquanto leitores a refletir sobre a relação entre linguagem e sociedade. A natureza social do signo possibilita-nos aqui a pensar tanto sobre a vivência do autor quanto sobre a do leitor nas inúmeras leituras efetivadas

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações sobre a Obra de Nicolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197- 221.
- CANDIDO, Antonio. A Personagem do Romance. In: CANDIDO, Antonio et al. A Personagem de Ficção. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CULT, REVISTA BRASILEIRA DE CULTURA. Roland Barthes: Subversivo e Sedutor. Edição Especial, nº 09/100. São Paulo: Editora Bragantini, 2006.
- GANCHO, Candida Vilares. Como analisar narrativas. São Paulo: Ática, 2006.

GOTLIB, Nádía B. Teoria do Conto. São Paulo: Ática, 1985. ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luis (Org.). A literatura e o leitor – textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KEFALÁS, Eliana. Corpo a corpo com o texto na formação do leitor literário. Campinas - SP: Autores Associados, 2012.

LORROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: Revista Brasileira de

MORAES, Dênis. O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo, 2012.

PINHEIRO, Hélder et al. Literatura e formação de leitores. Campina Grande: Bagagem, 2008.

RAMOS, Graciliano. A terra dos meninos pelados. Rio de Janeiro: Record, 2006.

ZILBERMAN, Regina. Estética da recepção e história da literatura. São Paulo: Ática, 1989.

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção e leitura. São Paulo: EDUC, 2000.